

mais do que desejar

shayla black

Tradução de Ana Mendes Lopes

SOBRE MAIS DO QUE DESEJAR

O meu nome é Evan Cook — sou um empresário multimilionário na área da tecnologia e sou viúvo. Profissionalmente, tenho tudo o que posso desejar. Mas desde que a minha mulher morreu que a minha vida pessoal se desmoronou. A solução mais óbvia parece ser voltar a casar, por isso publiquei um anúncio. Não estou a pedir muito. A mulher ideal só tem de ser inteligente, organizada, bonita e útil — dentro e fora da cama —, sem esperar romance da minha parte. Nunca me ocorreu olhar para o que estava mesmo à minha frente... mas, como veio a revelar-se, a minha sensual e atrevida assistente, Nia Wright, pode muito bem ser a candidata ideal.

Depois de passarmos uma inesperada e muito quente noite juntos, estou pronto para acabar com as entrevistas a desconhecidas e simplesmente casar com ela. Teoricamente, ela preenche todos os meus requisitos. Mas a sua melhor qualidade é o facto de ser demasiado sensata para se apaixonar por mim. Só vi a falha nesta lógica quando já era tarde de mais. Nunca pensei que, pela primeira vez na vida, viesse a perder o meu coração. E nunca imaginei que a Nia pudesse destruir-me. Mas ela guarda um segredo que nos pode destruir a ambos. Serei capaz de provar que o que sinto por ela é mais do que desejo, antes que seja tarde de mais?

PREFÁCIO



As formas de dizermos a alguém que a amamos são infinitas. Algumas das mais poderosas nem sequer precisam de palavras. Comecei a criar esta série com esta verdade em mente, escrevendo sobre um amor tão completo que meras letras juntas para formarem palavras não eram um meio adequado de comunicar sentimentos. Assim, para esta série, a música foi a minha opção.

Adoro música. Estou sempre mergulhada em música e todos os dias passo horas com os auscultadores nos ouvidos. Escrevo a ouvir música. Penso a ouvir música. Até durmo com a música ligada. Fiquei entusiasmada ao incorporar canções na história, quando sentia que eram significativas para o enredo. Penso nisto da seguinte forma: um filme tem uma banda sonora. Porque não pode um livro ter uma também?

Por isso criei uma.

Algumas das canções que escolhi podem soar-vos familiares. Umhas são antigas, outras são mais recentes. Algumas são populares, outras são mais obscuras. Mas (na minha opinião) todas se enquadram bem na história e vêm diretamente do coração. Enquanto escrevia este livro ouvi muitas das canções que vos indico.

Para obter o máximo entendimento (e sentimento), recomendo verdadeiramente que as ouçam ou que as tenham presentes enquanto estão a ler. Devido às leis de direitos de autor, não posso usar as letras exatas, mas tentei

transmitir-vos o essencial para ilustrar a história da Nia e do Evan. Também simplifiquei a tarefa e criei uma lista no Spotify. (Shayla Black's MORE THAN CRAVE YOU Playlist).

Abraços e boas leituras!

FIRST DATE — Blink 182
FALLING FORTY — The 1975
YOU AND ME — Lifehouse
KISS ME — Sixpence None the Richer
GOD ONLY KNOWS — Beach Boys
THANK YOU — Dido
TRULY — Lionel Richie
BOO'D UP — Ella Mai
A COUPLE OF FOREVERS — Chrisette Michele
GOODBYE — Natalie Imbruglia
BREATHE AGAIN — Sara Bareilles
FALL BACK IN — Plumb
IT'S NOT OVER — Daughtry
WHATEVER IT TAKES — Lifehouse
IF — Bread

O amor não tem cor.

CAPÍTULO UM



Evan

Seattle, Washington

Quinta-feira, 2 de novembro

Empresário bem-sucedido procura mulher, companheira de negócios e parceira sexual. A candidata ideal terá entre 22 e 30 anos, será elegante, inteligente, organizada, instruída e atraente. Não deve ter filhos nem procurar romance. O sentido de humor é opcional. Deve mudar-se para o Havaí.

Encaminho-me para a secretária da minha assistente enquanto leio as palavras que imprimir há poucos instantes.

— O que achas?

Quando entrego a página à Nia Wright ela passa os olhos pelo texto, franze o sobrolho e olha para mim com os seus olhos negros.

— Um anúncio pessoal? É *assim* que vais substituir a Becca?

Tiro-lhe a folha das mãos, de maxilares cerrados.

— Ninguém a pode substituir.

A minha mulher e o bebé ainda por nascer morreram num acidente de automóvel há pouco mais de seis meses. Desde os meus 16 anos que a Becca era a única constante na minha vida. Sem ela, a *penthouse* que partilhávamos parece-me demasiado silenciosa. Não tenho ninguém com quem falar. O meu impulso sexual é extremo. Mas estou vazio.

Sinto-me perdido.

— Então porque havias de tentar com uma desconhecida? — a Nia abana a cabeça.

A sua pergunta é justa e sou obrigado a reexaminar a minha conclusão original. Mas não. A resposta continua a ser óbvia.

— Porque treinar uma mulher para satisfazer as minhas necessidades empresariais e pessoais e depois compensá-la com dinheiro e um emprego seguro parece-me muito mais lógico do que pagar a uma série de colaboradores que não estão tão empenhados numa relação de trabalho.

Claro que podia fazer isto. Quase com 27 anos, dirijo uma empresa em crescimento que vale mais de mil milhões de dólares, por isso o dinheiro não é problema. Mas contratar cinco pessoas para fazer o trabalho de uma parece-me pouco eficiente e um desperdício. Ilógico. Imbecil. E embora não tenha quaisquer problemas morais em pagar a profissionais e, na verdade, veja poucas diferenças entre contactar um *chef* de cozinha ou uma prostituta quando preciso dos seus serviços, a Becca teria uma opinião *muito* diferente da minha. Sim, ela havia de querer que eu continuasse com a minha vida, mas até agora não o fiz. Jamais desonraria ou envergonharia a minha mulher propositadamente.

— Achas que teres uma estranha ao teu lado melhoraria verdadeiramente a tua qualidade de vida? — pergunta a Nia com pertinência.

É um risco calculado, mas estou preparado para o correr.

— Acho que não iria piorar.

Ela faz um som desdenhoso como se eu fosse idiota. Não aceitaria este tipo de insubordinação da parte de nenhum outro funcionário. Mas a Nia é diferente. Já me provou repetidamente que é leal e que tem a cabeça no lugar — duas qualidades que exijo. Valorizo a sua opinião; é por esse motivo que ela é o meu braço direito em todos os aspetos relacionados com a Soluções Stratus, a megaempresa de tecnologia de infraestruturas que fundei há seis anos com apenas 2500 dólares, algum *hardware*, as minhas capacidades de codificação e muito esforço.

— Então não pensaste bem nisto. E o teu anúncio é uma mentira.

É a minha vez de franzir o sobrolho.

— O quê? Todas as palavras que o compõem são verdadeiras.

Com um suspiro, a Nia levanta-se e volta a arrancar-me a folha da mão.

— O que isto devia dizer é: Brillante viciado em trabalho procura uma June Cleaver em casa e uma Lolita na cama. A candidata ideal é uma supermodelo que se mantenha muda até que lhe seja pedido que sirva os

convidados ou a mim. Não há risco de envolvimento emocional. Deve estar sempre à minha disposição.

Pronto, está bem, talvez esta sua versão do anúncio tenha um quê de verdade.

— Não sei porquê, mas suspeito que esse anúncio teria menos respostas.

— Achas que sim? — Ela revira os olhos. — Esta ideia é absolutamente ridícula. Olhando para o anúncio, não sei se o publique no eHarmony ou no LinkedIn.

— Se quero a mulher ideal para a função tenho de deixar bem explícitos os deveres que ela terá de desempenhar, só assim consigo encontrar a candidata mais adequada.

A Nia bufa para mim.

— Estás a falar de casamento, não de um gerente médio. Porque não convidas alguém que já conheces para sair? Vê se te dás bem com a pessoa. Passa alguns meses com ela para tentares perceber se é adequada para um relacionamento mais profundo. Usa esse tempo para ultrapassar a Becca. Porque é que estás a abanar a cabeça?

— Porque planeio casar-me antes do Natal. Tudo na minha vida pessoal é um desastre e estou demasiado ocupado a preparar a mudança para o Maui e a defender-me desta compra hostil para conseguir resolver tudo o que não seja de trabalho. — O melhor é deixar a confusão da minha casa para uma profissional. — Por isso quero que publiques este anúncio em todos os lugares que te ocorrerem, que passes revista a todas as respostas e que até à próxima sexta-feira me dês uma lista com as candidatas mais bem qualificadas.

Ela apoia as mãos nas ancas, tapadas com uma saia justa cor de carvão.

— Queres que te ajude a *escolher* esta mulher?

Fico confuso com a pergunta — e com o seu óbvio desagrado.

— Faz sentido. Tu conheces-me bem e és excelente a avaliar carateres.

— Alguma vez estiveste em alguma aplicação de namoros?

— Claro que não. — Até à morte da Becca eu era um homem com um casamento feliz.

— Fazes ideia de quantas loucas e mulheres interesseiras isto vai atrair?

— Eu sou socialmente desajustado, mas não sou ingénuo. Claro que sei. É por isso que sou um sortudo por ter uma mulher sensata como tu para me ajudar.

A Nia senta-se muito direita.

— Está bem, eu trato disto. Mas, a sério, já pensaste pelo menos em sair

com alguém que já faça parte do teu círculo social? Alguém que saibas que não é louco?

— E quem podia ser essa pessoa? A única mulher solteira que conheço que cumpre todas as qualificações da lista és tu. E tu andas com o — estalo os dedos, tentando lembrar-me do nome do último namorado dela —, Brett?

— Brick — corrige-me.

Poderá haver um nome mais idiota? Eu ainda não o conheci; ela não o levou ao piquenique da empresa no último verão. Mas pelo nome deve ser um parolo.

— Isso, ele. Desculpa. Nunca me lembro dos nomes dos teus namorados. Mudam com tanta frequência...

— Acabei com ele em junho.

Isso explica por que motivo não se importou de trabalhar mais horas extra durante o verão.

— Fico surpreendido. Disseste que ele era inteligente, ambicioso e que tinha um bom emprego.

— E é verdade. Mas ele falava mais do que fazia.

Franzo o sobrolho.

— Ele não cumpriu as promessas?

— Mas tenho de te dizer com todas as letras? — suspira. — O Brick era uma nódoa na cama.

— Oh! — Pigarreio, tentando imaginar a Nia despida ao lado daquele tipo. Não consigo. Acho que ela é uma mulher bonita. Exótica. A sua pele é de um agradável tom de cacau. Tem o tipo de curvas que são normalmente fotografadas para despertar a libido masculina. Só que nunca pensei na minha assistente *nestes* termos. Não seria profissional. Por isso não vou começar agora. — Para a próxima lembra-me para não te fazer perguntas sobre coisas que não são da minha conta.

O assédio no local de trabalho é um assunto delicado. Preferia não ser processado por ter conversas inapropriadas no escritório, mas também valorizo a Nia enquanto assistente e ser humano. Não quero que ela pense que não a estou a ouvir, caso tenha alguma coisa para dizer.

— Não. — Acena para desvalorizar as minhas palavras. — Eu é que entrei na esfera pessoal. Desculpa. Mas não tenho tido ninguém com quem falar e... — Suspira. — Gostava tanto de entender os homens. Como nunca tive uma presença masculina por perto enquanto crescia, sinto-me sempre tão confusa...

A Nia não gosta de falar do pai. Ele não fez parte da sua infância.

Engravidou a mãe da Nia, que trabalhava para ele, e quando ela lhe deu a notícia de que ia ser pai, ofereceu-lhe dinheiro para se afastar. A mãe criou-a sozinha e não casou nem voltou a ter namorados sérios até morrer tragicamente com gripe, há dois anos.

— Duvido que possa ajudar-te muito. — Tenho consciência de que funciono de forma diferente da maior parte dos homens. Eles alimentam-se de desportos de competição, canecas de cerveja e piadas porcas. Eu prefiro um bom desafio mental, um bom uísque e videojogos. — Tu não namoras com homens como eu. Quando era miúdo chamavam-me «carola» e *nerd* dos computadores. Mas sempre estabeleci os meus limites no Dungeons and Dragons.

A minha piada fá-la rir.

— É bom saber que tens as tuas fronteiras bem delineadas. É só que... alguns tipos parecem esquecer-se de que há outra pessoa na cama com eles. Bolas, esquecem-se de que há outra pessoa em todo o relacionamento. Desde que acabei com o Brick tenho pensado muito e decidi que não vou voltar a sair com tipos que mal conheço. Primeiro temos de ser amigos. — Surpreendentemente, fecha os dedos em volta do meu ombro. — E isso é uma coisa que também devias considerar, em vez de andares por aí a publicar anúncios. Não cases simplesmente com alguém. Vais ser infelicíssimo. Porque não me deixas ajudar-te com toda a desorganização? Vai dar-te algum tempo para encontrares uma solução mais permanente. Sabes que gosto de colocar ordem numa boa confusão.

— Isso é muito generoso da tua parte, mas sabes que não estou à espera que venhas cozinhar para mim ou limpar-me a casa depois de teres trabalhado aqui o dia inteiro. Andar a comprar mercearias e a fazer recados também não faz parte das tuas funções.

Depois, há a questão do sexo. Olho novamente de relance para a Nia. Na verdade, agora que a observo com atenção, ela é mais do que bonita. É linda. Deslumbrante. Levá-la para a cama não seria sacrifício nenhum.

E preciso mesmo de abandonar esta linha de pensamento.

— Não é nada de especial. De qualquer maneira preciso de cozinhar para mim. Até se torna mais fácil fazer comida para dois. E posso mostrar-te como fazer as compras *online*. Quanto à limpeza... faço o que puder, ensino-te a fazer algumas coisas e para o resto contratas uma empregada. As outras tarefas logo se vê como são cumpridas. A questão da lavandaria é simples, porque vamos ao mesmo sítio, não vamos? — Quando assinto com a cabeça, ela continua. — Estás a ver? Temos isto tudo controlado.

— Agradeço muito estares a tentar...

— Poupa-te à desilusão de entrares numa relação de recuperação com alguém que muito provavelmente te vai fazer infeliz. — Aperta-me o ombro mais uma vez antes de me largar. — Estou a fazer isto porque tu mereces mais. Não queres passar o resto da vida com alguém que goste realmente de ti?

Talvez um dia isso venha a ser importante. Mas, neste momento, só consigo ver a minha atual enxurrada de problemas e o facto de não conseguir lidar bem com nenhum deles. Claro que ela fez a pergunta de maneira a que pareça um idiota se disser que não. E talvez seja mesmo. A Becca tinha muitas vezes de me explicar o seu raciocínio, porque aparentemente tenho um QI emocional parecido com o meu tamanho de sapatos. Mas eu e a Nia temos problemas semelhantes, embora ao contrário. Ela não entende os homens porque cresceu sem pai, e eu mal me lembro da minha mãe, que morreu quando tinha cinco anos. Nenhuma das minhas famílias de acolhimento conseguiu preencher esta lacuna. Por isso, as mulheres confundem-me. Não estou a dizer que nunca tomei uma decisão baseada em sentimentos... mas chegam-me os dedos de uma mão para contar as vezes que o fiz em toda a minha vida. Fazê-lo diariamente? Não era capaz.

— Não estou à espera que cuides de mim fora do escritório, Nia.

— Se isso evitar que cometas o pior erro da tua vida, é o que farei. — Depois oferece-me um sorriso adulator. — Deixa-me cozinhar esta noite. Faço o famoso gumbo da minha tia-avó de Nova Orleães...

A Nia trouxe esta deliciosa e condimentada sopa para um dos almoços de grupo do escritório e as minhas papilas gustativas apaixonaram-se imediatamente. Além de que há meses que não como uma boa refeição caseira.

— As tuas táticas de negociação são implacáveis.

Ela encolhe os olhos como se não se conseguisse controlar.

— Aprendi com o melhor.

É verdade. A Nia prestou muita atenção a todos os passos das negociações que eu e o meu companheiro de faculdade e atual CFO, Sebastian Shaw, tivemos com os riquíssimos donos da Empresa de Investimentos Colossus. Recusei as três propostas que me fizeram. As duas primeiras não me ofereciam simplesmente o valor de mercado pela minha tecnologia de ponta para armazenamento de dados. A abordagem mais recente aproximava-se mais de um valor justo... mas continuava a não ser suficientemente lucrativa.

Com um suspiro, cedo à minha assistente. Nunca fui muito bom a dizer

que não à Nia, principalmente quando ela me pressiona nos meus pontos fracos. E o meu estômago é sem dúvida um deles.

— Está bem. Agradeço a tua ajuda e o jantar.

— Enquanto o gumbo estiver no fogão atacamos alguns dos projetos lá por casa e, com um pouco de sorte, começamos a organizar a tua vida de vez.

— Obrigado. Tenho sorte em te ter do meu lado. Quem diria que contratar uma rapariga desembaraçada, acabadinha de sair da faculdade, seria uma das melhores coisas que fiz na vida?

O sorriso da Nia parece iluminar tudo à sua volta.

— Quem diria que arriscar numa empresa nova, mas em expansão, com um fundador estupidamente inteligente, iria acabar por ser tão acertado?

Sinto-me descontraído, pelo que me parece a primeira vez em muitas semanas.

— Presumo que o gumbo ainda demore algum tempo a cozinhar. A que horas devemos sair do escritório?

— Se conseguir ter todos os ingredientes preparados e o fogão ligado às cinco e meia, comemos por volta das oito. Parece-te bem?

Na verdade, parece-me perfeito. Já quase não me lembro da última vez em que tive companhia durante a noite.

— Claro.

— Então encontramos-nos na tua casa.

— Obrigado.

O seu sorriso ainda se intensifica mais.

— O prazer é meu.

São quase seis horas quando chego a casa. A Nia já está à porta à minha espera, com sacos de comida e uma enorme panela aos pés. Traz vestida uma camisola cinzenta justa, assim como umas *leggings* que se colam das coxas aos tornozelos. Paro de repente. É raro vê-la com roupa casual e nunca com roupa tão justa. O efeito é completamente diferente do habitual, com as saias de fato e blusas de seda. Está com um aspeto descontraído. Feminina. Maravilhosa. Engulo em seco. Não admira que não lhe falem namorados.

Empurro este pensamento para longe.

— Desculpa o atraso. — Saiu rapidamente do elevador e abro a porta com uma mão, enquanto agarro nos sacos de mercearias com a outra. — Eu levo.

Sinto-me bastante culpado por ela ter trazido tudo até aqui sozinha. A

Becca também fazia isto muitas vezes e eu detestava nunca estar por perto para a ajudar. Mas a Nia ofereceu-se para me organizar a vida. Não posso recompensá-la sendo um mandrião ou aparentando ser um idiota ingrato.

— Não há problema — insiste ela e segue-me para dentro de casa. Depois arqueja.

Não fico surpreendido. O meu apartamento parece ter sido varrido por um furacão. Ela só cá esteve para deixar trabalho quando fiquei doente. A Becca insistia em manter tudo impecável e limpo; não tolerava caos de espécie alguma e gostava de ter o ambiente que a rodeava perfeitamente controlado. Depois de a minha mulher com transtorno obsessivo-compulsivo morrer, eu não fazia ideia como, nem tinha vontade de manter a casa como ela o fazia.

Levo a Nia até à cozinha. Ela pousa a panela no fogão e depois vira-se, com as mãos nas ancas.

— Tu não estavas a brincar. Isto está uma confusão tremenda.

Estremeço, consciente de que quase todos os pratos que tenho estão empilhados no lava-loiça. Os que sobram estão espalhados nas bancadas. Provavelmente não devia mostrar-lhe o meu quarto e a casa de banho.

— Infelizmente, não estava a brincar, não.

— Muito bem... — Ela pousa a mala, põe o gumbo ao lume e arregança as mangas. — Sabes como se liga a máquina de lavar loiça?

— Acho que consigo descobrir.

— Mas nunca tentaste?

— Não — abano a cabeça.

Até há poucas semanas, passava o tempo todo no escritório. Ajudava-me a não pensar em como esta casa estava vazia. Desde o terrível dia de abril em que a Becca morreu, passei o menos tempo possível aqui, para tentar evitar a realidade de que agora estou sozinho. Componho as almofadas na cama ao meu lado para me dar a ilusão de que ela continua lá a ocupar o seu lado da enorme cama de casal. Até descarreguei uma aplicação para simular o som da sua respiração enquanto estou na cama. Ultimamente já não funciona tão bem. Na maior parte das noites, limito-me a ficar a olhar para o teto e a tentar encontrar uma justificação lógica para este vazio que me rodeia. A ideia de arranjar uma mulher continua a parecer-me a melhor solução.

— Vou... humm, tentar perceber enquanto me contas onde publicaste o meu anúncio.

A Nia hesita, depois leva a mão à torneira e liga-a.

— Ainda não tive oportunidade de o fazer. A maior parte dos *sites* de

namoro exigem que preenchas um perfil, não que lhes dês duas frases sobre o que procuras numa potencial parceira.

— Perfil? — Isso parece-me uma tarefa entediante e exigente.

— Sim. Afinal, não és a única pessoa que está a escolher outra de uma base de dados; uma mulher também tem de te escolher, com base nas respostas que dás às perguntas feitas. As potenciais candidatas a namorada que analisam o teu perfil vão querer saber que interesses tens, o que gostas de fazer nos tempos livres, quais são as tuas filosofias religiosas e espirituais, como te descreveriam os teus melhores amigos e...

— Eu estou à procura de uma mulher, não de uma relação romântica de verdade. Um perfil num *site* de namoros seria um profundo desperdício do meu tempo.

Ela abana a cabeça enquanto começa a lavar os pratos.

— Bem, se não o fizeres estás a reduzir as tuas oportunidades. Preferes mandar vir uma noiva do estrangeiro?

— Não tenho paciência para lidar com burocracia governamental e papelada. Quero alguém que já esteja no país, legalmente.

Ela suspira.

— Estava a brincar e o facto de teres pensado que a pergunta era séria é deveras assustador. Vou fazer o que puder, mas depois não digas que não te avisei. Põe os copos no tabuleiro de cima da máquina.

Com o sobrolho franzido, faço o que me manda.

— Não posso ser o único homem rico com este tipo de problema.

— Estás a falar a sério, Evan? A maior parte deles já tem mulher e anda à procura de um arranjinho por fora.

Ela tem alguma razão.

— Talvez pudesse ligar à Harlow, à Keeley e à Britta.

— Sabes que te aplaudo por queres conhecer melhor a tua família recentemente encontrada, mas só conhecestes a tua irmã e as tuas cunhadas há seis meses. Elas conhecem-te suficientemente bem para te ajudarem a encontrar uma mulher que te possa fazer feliz?

Consegui localizar os meus irmãos há muito perdidos durante uma viagem de reconhecimento que fiz ao Havai, para onde vou mudar a empresa. Apesar de eu e os meus irmãos partilharmos um pai biológico, eles continuam a ser um pouco como estranhos para mim, mas...

— Elas já vivem no Maui e devem ter amigas solteiras.

— Elas não sabem quem tu és, o que queres, e tudo por que passaste.

— Fecha a torneira e vira-se para mim. O meu rosto deve dizer-lhe que não

quero saber disto para nada, porque suspira. — Além disso, se esperares até à mudança para o Maui para te casares com alguém, já não casas antes do Natal.

— Eu vou lá para o Dia de Ação de Graças e fico um par de semanas. Posso pedir-lhes que me apresentem nessa altura.

— Estás mesmo a falar a sério com esta história de encontrares alguém agora?

— Estou a falar a sério sobre a necessidade de preencher a posição de mulher o mais depressa possível.

O rosto dela enche-se de exasperação.

— Deixa-me tratar disso. Eu encontro uma solução rapidamente.

Abano a cabeça.

— Se puderes analisar as candidatas e enviar-me as melhores, eu faço o resto.

— Preocupa-me o que — ou quem — venhas a escolher se te deixar sozinho nesta tarefa.

A Nia é capaz de ter alguma razão. As minhas aptidões para lidar com pessoas são uma treta. Tive a sorte de a Becca me entender e de não ter grandes expectativas românticas.

— Está bem. Vou dar-te até ao Dia de Ação de Graças para me encontrares alguém. Mas continuo a querer que publiques o anúncio, como recurso.

— Tudo bem. — Ela não parece gostar nem um pouco disto, mas concentra-se em mostrar-me como raspar a comida seca dos pratos, e depois colocá-los na máquina de lavar. — Porque é que nunca aprendeste a limpar a tua própria cozinha? Nunca viveste sozinho antes?

Solto uma gargalhada.

— Vivi. Durante oito desastrosos meses antes de me casar. Depois disso, a Becca tratava de tudo.

— Nenhuma das tuas famílias de acolhimento te ensinou a encher a máquina de lavar loiça? — Parece chocada.

— Não. Fazia outras coisas, mas bloqueei muitos aspetos da minha vida antes de ter ido viver com a Diana. Desde que eu mantivesse a sua velha casa de campo a funcionar na perfeição, ela tratava das poucas limpezas que se fazia.

No dia em que fiz 18 anos, fiz também as malas e saí da casa da minha mãe de acolhimento. A Diana era ótima, foi o mais próximo de uma mãe que alguma vez tive, mas assim que o Estado parou de lhe pagar para cuidar de mim, ela não precisava de ter mais um fardo sob o seu teto. Não há muitos

trabalhos no estado rural de Washington, principalmente para alguém que é um artista sedento, incapaz de manter o mesmo emprego durante mais de seis meses. Além disso, ela jura que ela e o vento são irmãos gêmeos e vai para onde o seu irmão a leva. Como, durante seis anos, me proporcionou o lar de que tanto precisava, apesar de ser um lar peculiar, agora sou eu quem lhe oferece segurança financeira para ela poder correr o mundo à vontade.

— Enquanto crescia, eu e a minha mãe fazíamos todas as tarefas à vez. O seu lema era que fazer tudo por mim não ia ensinar-me a desenrascar-me sozinha. É por isso que sei cozinhar e fazer reparações em casa, por exemplo. Agora, vou ajudar-te. — Levanta uma travessa. — O que é que fizeste aqui dentro?

— Nada. Um dos meus vizinhos trouxe-me lasanha pouco depois do funeral da Becca. — Devia provavelmente ter lavado e devolvido a travessa, mas não queria passar mais tempo do que o estritamente necessário na cozinha da Becca. A sua ausência recorda-me demasiado de que estou sozinho.

— Sabes, se lavar a loiça fosse mais parecido com ciência aeroespacial, se calhar safavas-te melhor.

— Não tenho dúvidas — admito, contrariado.

— Põe detergente da loiça e água quente na travessa e depois deixa-a na bancada a amolecer. — A Nia empurra a travessa para as minhas mãos.

Uma camada fina preta e esverdeada cobre o fundo.

— Parece algo que devia estar numa placa de Petri.

— É que parece mesmo. — Ela revira os olhos, mas tem um sorriso a pairar nos cantos dos lábios.

Sorriso também e lembro-me finalmente de que ainda tenho boas maneiras.

— Queres vinho?

A Nia vira-se para mim com as sobranceiras erguidas.

— Tens?

— Sim. — Não menciono que a maior parte das garrafas me foram oferecidas ao longo dos anos pelos aniversários, eventos empresariais, ocasiões festivas como passagens de ano, escritórios novos, nascimentos de bebés e esse tipo de coisas. Limito-me a abrir a porta da despensa. — Tenho uma série de garrafas. Dá uma vista de olhos.

Ela encaminha-se para as prateleiras, quase todas vazias.

— Continua a limpar esse monte de pratos. Devíamos provavelmente beber um branco leve com o frango e marisco, mas gosto tanto de um bom tinto... Vamos a um *Merlot*. Pode ser?

— Acho que sim. Nunca provei. — A Becca não bebia e eu só bebo quando estou com o Sebastian.

— Estou a começar a pensar que a minha missão de vida é expandir os teus horizontes.

Conheço apenas alguns detalhes soltos sobre o passado da Nia. Cresceu na Geórgia, depois decidiu que queria ter experiências completamente diferentes enquanto estudava na universidade, por isso candidatou-se a instituições no Nordeste e Noroeste do país, decidindo-se finalmente pela Universidade de Washington. Acabou o curso com louvor em apenas quatro anos, especializando-se em comunicação e com cadeiras em administração de empresas, isto tudo enquanto tinha empregos merdosos que lhe pagavam o salário mínimo. Preencheu os verões dos seus anos de estudante com aventuras — andou de mochila às costas pela Europa fora e ajudou a construir estações de tratamento de água em aldeias rurais sul-americanas. Andou a poupar para fazer uma viagem épica depois de acabar o curso e foi para África sozinha, para ver o outro lado do mundo. Eu admiro-a muitíssimo por isto, principalmente porque nunca saio muito da minha concha.

— Se há alguém que consiga fazê-lo, és tu.

Ela parece muito orgulhosa de si mesma enquanto abana o dedo à minha frente.

— Nunca te esqueças disso. Saca-rolhas?

Encolho os ombros.

— Vou procurar. Continua a lavar a loiça.

Ouço-a a procurar nas gavetas, a resmungar suavemente sozinha enquanto eu trabalho com a imensa pilha de copos e pratos que ando a acumular há meses. Pelo menos o fogão está relativamente limpo, já que nunca o uso.

— Ah-ah! — Depois de algum ruído com os utensílios, ela levanta o saca-rolhas com um ar triunfante. — Encontrei. — Instantes depois, já tem a garrafa aberta e está a servir o vinho para dois copos limpos. — A que devemos brindar?

— À minha tentativa de atinar?

— Com exceção desta confusão doméstica, ninguém é mais atinado do que tu, Evan. E que tal se brindarmos... a novas possibilidades?

Como uma casa limpa e uma nova mulher?

— A novas possibilidades, então.

Tocamos com os copos um no outro e bebo um gole. Na verdade, não é nada mau. Fico surpreendido.

Durante as duas horas seguintes falámos sobre trabalho e tratámos do estado caótico em que se encontra a minha sala de estar, enquanto eu tento ignorar os aromas das especiarias que se espalham pela casa e me fazem o estômago roncar. A Becca preferia comida mais suave, mas eu gosto de sabores fortes. O que a Nia tem no fogão espalha um aroma divinal.

Quando a comida fica pronta já ela me reorganizou metade dos armários, dirigiu-me sobre como esfregar o frigorífico de cima a baixo, e escolheu de entre meses de revistas e correio que se acumulavam na mesa da cozinha, separando-os em duas pilhas: uma para levar para o escritório, outra para o lixo.

A minha *penthouse* está a começar a parecer novamente um espaço quase normal. Mas ainda não a sinto como um lar.

Engulo um pouco de gumbo e espreito para a Nia, do outro lado da mesa. Apercebo-me de que a conheço... mas não a conheço de verdade. Ela já me contou uma série de memórias e factos sortidos sobre si, mas não sei que tipo de coisas entrariam no seu perfil de *site* de encontros. Não sei o que faz o seu coração bater mais depressa.

— Oh-oh — diz ela, enquanto engole a comida com a ajuda de um trago de vinho. — Estás a olhar para mim como se eu fosse um problema que tens de resolver. Isso é assustador.

Solto uma gargalhada.

— Não te vou adicionar à minha lista de projetos quando voltar para o escritório amanhã.

— Graças a Deus.

Fico a olhar para ela mais uma vez. Estou habituado a ver a Nia durante cinco dias por semana. Mas será que alguma vez olhei verdadeiramente para ela?

— Sabes, há pouco estava a pensar... — começa ela a dizer. — Em janeiro, quando fores para o Maui, vai ser muito estranho. Já não vais estar no escritório ao lado da minha secretária. Se tiver uma pergunta para te fazer, vais estar a mais do que alguns passos de distância.

Nunca tinha pensado nisto assim. Trabalhar remotamente nunca foi um problema para nós; fazemo-lo sempre que viajo em trabalho. Mas, subitamente, começo a questionar-me se faz sentido ter a Nia a quatro mil quilómetros de distância. Apoio-me tanto nela...

— Tens uma certa razão.

— Talvez... não tenhas de te mudar para tão longe.

Já pensei muito nesta questão. É capaz de ter sido uma das cinco decisões emocionais que tomei na vida.

— Não posso ficar em Seattle.

Aqui há demasiada história. Demasiadas memórias. Não tenho ligações reais com ninguém... exceto talvez com a Nia. De repente, detesto a ideia de a deixar para trás.

O seu rosto suaviza-se.

— Talvez se venderes esta empresa e fundares outra...

— A única família que me resta está no Maui.

— Eu sei, mas tens de te mudar para junto deles? Eles são todos recém-casados e estão a preparar-se para começarem a ter bebés. Achas que te fará sentir menos sozinho estares ao pé de um bando de recém-casados prestes a ser pais? — Quando franzo o sobrolho ela levanta as mãos. — Desculpa. Já falei de mais. Claro que sim, são a tua família, a decisão é inteiramente tua.

— Compreendo que esta mudança te pode parecer repentina. Mas já decidi.

Ela assente com a cabeça, não exatamente contente, mas aceitando a minha decisão.

— O que quero dizer é que se decidires que trabalharias melhor comigo se eu também estivesse no Havai, então estou disposta a mudar-me. Também vou para lá. Sei que disseste que não precisava de me mudar, mas...

Não lhe pedi para se mudar para o Maui porque ela tem a sua vida aqui. Porque está sempre envolvida com alguém. Porque não me pareceu necessário. E talvez porque a Becca sempre insistiu que talvez eu beneficiasse de uma assistente mais experiente. Não importa qual fosse a razão, agora dou por mim a repensar a decisão de deixar a Nia para trás.

— Estou só a demonstrar a minha disponibilidade — diz ela, falando para o copo de vinho. — Quero dizer, já que vais levar o Sebastian...

— Mesmo que quisesse, não ia conseguir impedi-lo de vir comigo. Ele detesta o céu cinzento e a chuva de Seattle. — Já eu suspeito que vou sentir falta deste tempo. Ele serviu-me bem, principalmente nos últimos seis meses.

— Sim, ele tem falado muito acerca disso.

— Obrigado por te ofereceres para vir também. Vou pensar nisso muito seriamente.

— É como funcionar melhor para ti. — Encolhe os ombros. — Não tenho família aqui nem nenhuma razão específica que me faça querer ficar, por isso... porque não?

Acabamos de jantar e partilhamos o resto da garrafa enquanto conversamos confortavelmente sobre trabalho. Quando nos levantamos da mesa, passa pouco das nove. A Lua paira no céu como uma enorme orbe

prateada, pontuando a vista estonteante que tenho da Space Needle e de Elliott Bay. Vou ter saudades desta paisagem, mas tenho a certeza de que o Maxon e o Griff, os meus dois meios-irmãos que são agentes imobiliários de sucesso no Maui, me vão conseguir encontrar uma casa igualmente deslumbrante.

A Nia começa a levantar a mesa e eu ajudo-a de imediato a colocar a loiça no lava-loiças. Ela tapa a panela e guarda-a no frigorífico.

— Tens comida suficiente para mais uma ou duas refeições. Vou deixar-te lavar a loiça, para praticares as tuas novas aptidões.

Sei que é uma coisa boa para mim, mas...

— E é suposto ser uma atividade agradável?

Ela solta uma gargalhada e fico deslumbrado com o fulgor do luar sobre a sua pele escura e brilhante. Pelo branco dos seus dentes contra os lábios rosados, pela forma como os caracóis largos e espessos do seu cabelo lhe caem sobre os ombros em direção aos seios fartos, que nunca reparei que ela tinha — até agora.

Merda. Tenho de parar de pensar neles. Nela. Sou o seu patrão; a nossa interação não pode ser pessoal.

— Sei que não o farás, mas tenta pensar nisso como amor à bruta — brinca ela. — Agora... achas que vou querer saber quando foi a última vez que mudaste os lençóis da cama?

A pergunta dela deixa-me petrificado. Tenho a certeza de que pareço algo entre o perdido e o envergonhado. A verdade é que a Becca os trocou dois dias antes de morrer e eu nunca tive a coragem de os mudar novamente. Pensei nisso, mas de cada vez que tentei, senti que estava a arrancar da minha vida mais uma recordação dela. Mesmo meses depois de morrer, a Becca ainda consegue inspirar culpa neste meu coração tecnológico.

— Nem perguntes — admito finalmente.

— Mas sabes quando foi a última vez?

Vagamente.

— Sei.

A Nia inclina a cabeça como se estivesse a ler-me. Depois de ser a minha «mulher profissional» durante três anos, suspeito que consiga realmente fazê-lo.

— Queres que os mude agora?

Engulo em seco e assinto com a cabeça. A Becca já cá não está e não vai voltar. Mantê-la nos lençóis da cama não vai alterar este facto.

— Por favor. Eu vou procurar um conjunto lavado.

— Está bem. — A Nia segue-me pelo corredor. — Antes de sair coloco os usados na máquina de lavar.

— Deita-os para o lixo. — Não quero voltar a ver estes lençóis. E também não os vou levar para o Havai.

Lá, tudo vai ser novo, nunca tocado pela Becca.

— Se tens a certeza... E o resto da roupa suja?

Sinto-me surpreendentemente envergonhado em admitir que tenho andado a comprar meias e roupa interior todas as semanas. A maior parte da restante roupa vai para a lavandaria.

— Se me mostrares como funciona a máquina de lavar e secar, eu lavo-a.

— Vamos então começar — assegura-me suavemente, quando chegamos ao quarto que outrora partilhei com a minha mulher e acendo a luz. — Uau!

Pois, espalhada por todo o quarto está uma verdadeira selva de sapatos, gravatas, meias e *t-shirts*.

— Está um desastre. Eu sei.

Esta divisão costumava ser o meu refúgio, o meu lugar favorito para ler um último relatório antes de dormir, ou para ver televisão aos fins de semana. Agora detesto entrar aqui. De cada vez que o faço, a Becca assombra-me. Esta noite a sensação é muito forte. Sinto-me culpado por estar ansioso para deixar este lugar para trás.

— Bem, a boa notícia é que se pode arrumar.

— Obrigado. A sério — murmuro, sentindo uma estranha vontade de... não sei. A abraçar? Não, é algo mais, mas o contacto físico não é uma forma adequada para exprimir o apreço que sinto pela minha assistente. Além disso, o que me está a passar pela cabeça agora é bem mais turvo. A minha vontade de estar perto dela não é estritamente profissional e não entendo de onde vem. — Vou deixar-te então e tratar da loiça.

A Nia assente com a cabeça enquanto saio. Depois de passar por água a louça que usámos hoje, arrumo o resto das panelas que lavámos à mão. Depois esvazio a máquina de lavar loiça, para a voltar a encher logo a seguir. Não tenho a certeza de qual é o sítio adequado para as loiças lavadas, por isso guardo-as num sítio qualquer e rezo para as conseguir encontrar quando voltar a precisar delas.

Nesta meia hora que, entretanto, se passou, ela organizou o meu quarto e começou a lavar a roupa. Quando percorro o corredor ouço-a a resmungar sozinha. É agradável ter mais alguém cá em casa. Ela tem sido uma boa companhia para mim. Detestaria vê-la ir-se embora. Mas daqui a pouco a Nia vai

ter de voltar para casa. Já fez mais por mim do que aquilo que lhe compete. Não posso insistir em manter a sua companhia até a exaustão me engolir, algures por volta das duas da manhã. E por muito questionáveis que os meus pensamentos sobre ela tenham sido durante a noite, não faço ideia do que poderia acontecer. É melhor deixá-la ir.

Mas enquanto digo isto a mim mesmo entro no quarto em busca de um pouco mais da sua companhia. E paro quando a vejo nesta posição.

Ela está de cotovelos e joelhos apoiados no chão, evidentemente à procura de alguma coisa. A única coisa que vejo é o seu corpo debruçado. O traseiro suave e redondo dela enche o meu campo de visão. E neste instante tenho vontade de enterrar as mãos — e os dentes — nele.

Oh, merda.

Deixo de respirar. Deixo de pestanejar. Sinto-me como se tivesse sido atingido por um relâmpago. Subitamente, ouço o meu batimento cardíaco irregular a troar nos ouvidos.

Já se passaram quase 200 dias desde a última vez que fiz sexo. Vejo mulheres bonitas a toda a hora. Seattle está cheia delas. Bolas, até a Soluções Stratus está cheia delas. Desde a morte da Becca que algumas das suas colegas do ioga, esguias e flexíveis, insinuaram estar dispostas a confortar-me com mais do que uma refeição caseira e um abraço. Mas nunca me senti verdadeiramente tentado.

Até agora.

Com um suspiro, a Nia atira o cabelo para trás e senta-se nos calcanhares. A camisola cinzenta e fina levanta-se um pouco, com o cós em volta da cintura minúscula a acentuar ainda mais as suas curvas. O cabelo, que normalmente usa apanhado num penteado complicado qualquer, cai em ondas ébano até meio das costas.

Ela vira-se para mim de repente. Sei que devia desviar o olhar... mas não sou capaz. Ela está corada. Os olhos estão brilhantes. E uma maldita faixa do abdómen suave e despido aparece por baixo da camisola, provocando os meus sentidos já sobrecarregados. Engulo em seco e espero que ela não veja como estou de pau feito. Por causa dela.

Preciso de pensar em alguma coisa para dizer — e depressa.

A Nia salva-me.

— Fazes alguma ideia de quantas meias tens debaixo da cama?

Comprimo os lábios e tento afastar o meu pensamento do corpo dela. Quanto tento concentrar-me na pergunta que me fez, o choque da súbita atração que senti faz com que o meu cérebro se afaste da confusão do quarto e

comece a pensar em todas as coisas que subitamente me imagino a fazer com ela. As coisas que quero fazer-lhe.

Não sei como, mas consigo abanar a cabeça.

— Não faço ideia.

É a minha resposta honesta. Não faço ideia do que se passa. Não faço ideia por que motivo isto está a acontecer. Nem do que vou fazer a seguir.

Ela resfolega.

— A certa altura deves ter começado a atirá-las aqui para baixo. Consegui recuperar tantas quantas possível. Mas depois de as lavarmos, é provável que algumas ainda não tenham par. Oh, e sabes que tens algumas telas debaixo da cama?

— Sei. — Tento não corar.

— Eram da Becca?

São minhas. A Diana ensinou-me a pintar quando era adolescente. Costumava achar a atividade calmante. Quando não conseguia dormir ou resolver um problema da empresa, havia qualquer coisa em desligar a parte analítica do meu cérebro e concentrar-me puramente na criatividade, onde não havia ninguém a observar-me nem regras para seguir, para libertar o meu subconsciente o suficiente para resolver o dilema.

Tudo isso acabou quando a Becca morreu. Algumas pinceladas sobre a tela não iam alterar o facto de que ela tinha morrido. A minha vontade de procurar a pouca criatividade que possuía secou. Enfiei tudo debaixo da cama e não pensei mais nisso.

Não minto à Nia. Em vez disso, limito-me a encolher os ombros.

— Depois tiro-as daí e vejo se estão algumas meias por baixo.

— Está bem. — Ela levanta-se com uma série de meias desemparelhadas na mão. — Vou pôr estas no cesto. Podem ir na máquina seguinte.

Encaminhamo-nos para a lavandaria, ela a falar sobre a temperatura da água e eu a tentar não me fixar no ondular do seu bonito traseiro.

Após alguns minutos de tortuosa conversa sobre lavagem de roupa, ela volta a cirandar até à sala de estar. Não consigo tirar os olhos dela enquanto a sigo. Quando ela para eu paro também. E apercebo-me de que estou mais perto do que devia. A minha respiração torna-se mais difícil enquanto a observo a fazer um pequeno círculo e a observar o resultado do seu trabalho.

— Está com melhor aspeto. — A Nia assente com a cabeça, aparentemente satisfeita.

— Está com muito melhor aspeto. Obrigado por tudo.

— Fico feliz por poder ajudar. Posso fazer mais alguma coisa por ti esta noite?

Ela não pode estar a insinuar isto como me chega aos ouvidos. Só estou a ouvir a sugestão porque subitamente tenho a cabeça cheia de pensamentos sobre sexo. Mas, ainda assim, como devo responder?

— Eu, humm... — *quero tanto foder-te.*

Deus do céu, eu acabei mesmo de pensar isto?

— Queres o quê? — Ela parece estar algures entre a preocupação e a confusão.

Se a empurrar contra a parede e pousar os meus lábios sobre os lábios suaves e macios dela, se a beijar com força até o franzido do seu sobrolho desaparecer, o que faria ela?

A mera dúvida deixa-me a transpirar.

— Nia, eu...

Antes de conseguir perceber aquilo que quero dizer, a campainha da porta toca. Solto uma longa inspiração. *Caraças, pá.* Uma vez que são quase dez da noite, só pode ser o Sebastian. Não sei se estou a amaldiçoar o facto de ele estar a interromper seja lá o que for que pudesse estar a surgir entre mim e a Nia, ou se, na verdade, estou a agradecer a Deus que ele me venha salvar de cometer um erro catastrófico.

— Abre a porta, bicho do mato. — O Sebastian bate na madeira sólida que nos separa. — Tenho um problema para discutir contigo e uma garrafa com o teu nome.

A Nia pega na mala de cima de uma cadeira próxima.

— Parece que ele faz isto muitas vezes.

— A toda a hora. — Sei que ele está apenas a certificar-se de que não passo demasiado tempo sozinho e normalmente acolho com gosto a distração. Mas esta noite gostava que ele tivesse ficado em casa a ver a porcaria de um jogo de futebol qualquer.

— Bem, deixo-vos para aproveitarem o vosso tempo. Se pensares em mais alguma coisa em que possa ajudar-te, diz-me. Amanhã à noite estou livre.

Ela não tem um encontro para uma sexta-feira à noite? Estou ao mesmo tempo chocado e entusiasmado e não tenho o direito de sentir nenhuma das duas emoções.

— Acho que agora, que me ajudaste a organizar, já tenho tudo controlado.

Tenho de lhe dizer isto porque se a convidar novamente a vir cá a casa tenho medo de lhe dizer que sim, preciso de ajuda com a pila e aposto que ela me pode assistir na perfeição se despir a roupa e abrir as pernas para mim.

Pois, isto é tudo menos profissional e aproxima-se perigosamente de um processo por assédio sexual.

— Está bem, vemo-nos amanhã, então.

— Porra — grita o Sebastian do outro lado. — Estás a demorar este tempo todo porque estás a cagar ou a masturbar-te?

Uma gargalhada escapa-se dos lábios da Nia antes de os tapar com a mão.

— Pensei que ele só era impaciente no escritório.

Abano a cabeça e concentro-me em responder, agora que o Bas destruiu por completo este momento.

— Ele é muito pior quando está longe do escritório.

Ela estremece.

— Diverte-te com ele. Eu vou passar o resto da noite a fazer qualquer coisa mais divertida do que agradecer ao Bas. Tipo, arrancar as unhas dos dedos dos pés.

— Ele não é assim tão mau.

Ela levanta uma sobrancelha em sinal de ceticismo.

— Humm-humm.

— Oh, meu Deus, para de bater uma e abre-me a merda da porta. — O Sebastian bate com força na madeira.

— Cala-te, meu — grito de volta, com um sorriso a pairar nos cantos dos lábios. — Abro quando estiver preparado para a abrir.

— Porque não te poupo o trabalho? — diz a Nia, agarrando na maçaneta e virando-se antes de abrir a porta. — Olá, Bas. Vejo que continuas a comportar-te como o ser encantador que és.

— Nia... — Um dos meus melhores amigos desta última década diz o nome dela como se fosse uma agradável surpresa. — Não sabia que estavas aqui, principalmente a esta hora tardia.

— Estou a ajudá-lo.

— Ah, sim? Consigo imaginar algumas formas de o ajudares, realmente. — diz o Bas com uma voz arrastada e sugestiva.

Apesar de ele não estar a pensar em nada que eu não tenha pensado ainda há um minuto, a diferença é que o diz em voz alta. Acho a sua sugestão uma falta de respeito e muito despropositada. E é bastante provável que a Nia também ache. Não vou tolerar este tipo de discurso.

— Tira a tua imaginação do esgoto, Bas — digo bruscamente e empuro-o contra a parede, com os dentes cerrados. — E-cala-me-essa-boca.

O Bas pestaneja e levanta as mãos em sinal de rendição.

— Então, estava só a picar-vos, não quis dizer nada de mais...

Felizmente, o meu olhar incandescente faz com que ele pare de falar.

Viro a minha atenção para a Nia, que se aproximou da porta. Não consigo evitar. Antes de pensar no que estou a fazer, levo a mão ao ombro dela. Sinto impulsos elétricos a percorrerem a minha pele, e os joelhos quase se dobram sob o peso do meu corpo.

Merda.

— Estás bem? Posso acompanhar-te ao teu carro.

Não que lhe vá acontecer nada na garagem. É segura e aberta apenas aos residentes do meu prédio, de luxo, mas não me agrada a ideia de ela andar por aí sozinha às escuras. Não quero que a nossa noite acabe assim.

E também não quero afastar-me dela.

— Estou bem. Boa-noite.

— Boa-noite, querida — diz o Sebastian com um aceno, antes de fechar a porta atrás dela. Assim que estamos sozinhos, ele encosta-se à porta e ergue uma sobrancelha. — Então, há quanto tempo é que andas a foder a Nia sem eu saber?